



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SOBRE A CIRCULAÇÃO PÚBLICA DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Fagner Carniel

fcarniel@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Zuleika de Paula Bueno

zbueno@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

As sucessivas críticas ou resistências que o ensino de sociologia acumula na entrada deste novo milênio sinalizam tanto o caráter instável da disciplina nos currículos escolares brasileiros quanto a desconfiança com que diferentes setores da população recebem os conhecimentos produzidos pelas universidades e centros de pesquisa do país. Essas reações contrárias realmente seriam fruto da mera incompreensão de uma sociedade elitista, conservadora e com baixos índices de escolaridade? Ou, inversamente, deveríamos acreditar que a natureza complexa das teorias sociais estaria dificultando o conhecimento sociológico de habitar outros espaços que não aqueles em que foram originalmente desenvolvidos? Ao invés de reificar estereótipos que polarizam o saber em formas leigas e especializadas, talvez possamos encontrar outra maneira de encarar esse problema se voltarmos a indagar pelo modo como a sociologia tem participado da construção de uma cultura científica compartilhada. Afinal, ao menos desde que Florestan Fernandes chamou atenção para a urgência em “conquistar os corações e as mentes dos jovens para as carreiras científicas”, o pensamento social brasileiro parece ter sido convocado para refletir sobre as suas inúmeras possibilidades de disseminação. Portanto, pretendemos abordar a questão do engajamento da sociologia com suas audiências não acadêmicas por meio do debate teórico em torno das dimensões públicas do conhecimento sociológico.

Palavras-chave: Divulgação Científica; Educação Básica; Ensino de Sociologia; Pensamento Social Brasileiro; Sociologia Pública.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

The successive critics or resistances that the teaching of sociology accumulates at the entrance of this new millennium signal both the unstable character of the discipline in the Brazilian school curricula and the distrust with which different sectors of the population receive the knowledge produced by the universities and research centers of the country. Would these contrary reactions really be the result of the mere misunderstanding of an elitist, conservative society with low levels of schooling? Or, conversely, should we believe that the complex nature of social theories would be hindering the sociological knowledge of inhabiting spaces other than those in which they were originally developed? Rather than reifying stereotypes that polarize knowledge in lay and specialized ways, we may find another way of looking at this problem if we return to the question of how sociology has been involved in building a shared scientific culture. After all, at least since Florestan Fernandes drew attention to the urgency of “conquering the hearts and minds of young people for scientific careers”, Brazilian social thought seems to have been summoned to reflect on its numerous possibilities of dissemination. Therefore, we intend to address the issue of the engagement of sociology with its non-academic audiences through the theoretical debate around the public dimensions of sociological knowledge.

Keywords: Scientific divulgation; Basic education; Teaching of Sociology; Brazilian Social Thought; Public Sociology.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Apresentação

No dia 09 de março de 2016, a assessoria de comunicação do Ministério Público Federal do Estado do Mato Grosso noticiou a instauração de um inquérito civil com a finalidade de reunir informações junto ao Ministério da Educação (MEC) e fiscalizar a qualidade dos livros didáticos avaliados e recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para a educação básica brasileira. Tal inquérito fundamentou-se nas interpretações divulgadas por um artigo de opinião publicado pela revista *Época*, em 29 de fevereiro de 2016. Naquele texto, o professor Fernando Luiz Schüler foi enfático em afirmar que haveria um direcionamento político, especificamente nos materiais didáticos das disciplinas de humanidades, que comprometeria o “pluralismo teórico” esperado para o ensino escolar e legitimaria a “doutrinação ideológica” nas salas de aula. A repercussão do caso gerou uma enxurrada de manifestações contrárias e favoráveis que circularam pelas mídias sociais ativando a participação de intelectuais, docentes, estudantes, familiares, entidades científica, partidos políticos, sindicatos e diversos coletivos da área em torno da defesa ou da contestação da “autonomia pedagógica”.

Produzido em um momento de acirramento dos conflitos político-partidários que levaram ao golpe parlamentar no governo da então presidenta Dilma Rousseff, esse episódio polêmico esteve articulado a debates mais amplos que estão reintroduzindo o problema dos significados públicos da escolarização no país. Ao longo da última década, inúmeras foram as disputas curriculares que politizaram o campo educacional e impactaram decisivamente a vida escolar. Entre os pontos de controvérsia, destaque particular pode ser conferido à introdução de pautas relacionadas com a diversidade étnico-racial e religiosa, com os direitos humanos, com as relações de gênero e sexualidade, com as formas de inclusão, com a formação de jovens e adultos, com a educação no campo, indígena e quilombola, ou mesmo com as tecnologias da informação e da comunicação. Estes são apenas alguns exemplos de temáticas ou de políticas recentes que tensionaram as práticas de ensino brasileiras no início do século XXI. Em meio às discussões suscitadas pela postulação dessas questões, o próprio retorno das disciplinas de sociologia e de filosofia para o ensino médio se converteu em um foco de conflitos (Morais, 2014).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No que se refere à disciplina de sociologia, o engajamento histórico com a análise da realidade nacional, bem como a interlocução imediata de seus conteúdos com a compreensão do tempo presente, tem criado espaços de formação potencialmente “incômodos” para quem se sente criticado, desafiado ou desautorizado em suas perspectivas sociais. Além disso, a constituição plural deste corpo de conhecimentos, aliada à certa “incompreensão” quanto ao rigor e a objetividade de seus métodos heterogêneos de análise, produz frequentes desentendimentos sobre o valor ou a legitimidade da sociologia na educação básica. Nesse sentido, não chega a ser surpreendente a existência de tantos entraves institucionais para consolidar o seu lugar nos currículos escolares (Silva, 2014). Visando minimizar tais “ruídos”, uma parcela considerável das atuais pesquisas sobre o ensino de sociologia ressalta o papel decisivo que a disciplina pode desempenhar na construção de uma educação científica entre as humanidades. O que chama a atenção, no entanto, é a aparente dificuldade ou desinteresse com que a “sociologia profissional” parece dialogar com seus públicos não acadêmicos.

De fato, para a área de humanidades, onde convencionalmente se localiza o ensino de sociologia, a educação formal representa um dos caminhos prioritários de divulgação do conhecimento especializado. É a partir das salas de aula que a maior parte das pesquisas e das teorias produzidas no país conseguem circular e, em alguma medida, “impactar” a vida social. Um espaço, aliás, que confere não exatamente “utilidade”, mas materialidades diversas para ideias, categorias e enunciados fabricados no interior daquilo que Michel Foucault (2010) já denominou de “economia política da verdade”. Para a sociologia brasileira, em particular, o ambiente escolar também foi o *locus* primordial de trabalho intelectual e de rotinização das primeiras concepções acerca da possibilidade de um estudo científico da sociedade (Meucci, 2014). Através dele o próprio campo acadêmico das ciências sociais pôde se estruturar ao longo do século XX, consolidando uma forma de cultura científica que se tornaria cada vez mais central no estabelecimento da democracia e na construção de mecanismos para a efetivação da cidadania. O que explicaria, então, o fato da divulgação de nossos saberes ainda ser tão conturbada nas redes públicas e privadas do ensino médio?



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

As sucessivas críticas ou resistências que o ensino de sociologia acumula na entrada deste novo milênio sinalizam tanto o caráter instável da disciplina nos currículos escolares quanto a desconfiança com que diferentes setores da população recebem os conhecimentos produzidos pelas universidades e centros de pesquisa do país. Essas reações contrárias realmente seriam fruto da mera incompreensão de uma sociedade elitista, conservadora e com baixos índices de escolaridade? Ou, inversamente, deveríamos acreditar que a natureza complexa das teorias sociais estaria dificultando o conhecimento sociológico de habitar outros espaços que não aqueles em que foram originalmente desenvolvidos? Ao invés de reificar estereótipos que polarizam o saber em formas leigas e especializadas, talvez possamos encontrar outra maneira de encarar esse problema se voltarmos a indagar pelo modo como a sociologia tem participado da construção de uma cultura científica compartilhada. Afinal, ao menos desde que Florestan Fernandes (1955, p. 14) chamou atenção para a urgência em “conquistar os corações e as mentes dos jovens para as carreiras científicas”, o pensamento social brasileiro parece ter sido convocado para refletir sobre as suas inúmeras possibilidades de disseminação.

Neste texto, pretendemos abordar a questão do engajamento da sociologia com suas audiências não acadêmicas por meio do debate em torno das dimensões públicas do conhecimento sociológico. Particularmente, interessa argumentar que a sociologia escolar tem desempenhado um papel decisivo na difusão e na politização dos saberes sociológicos no Brasil. Para isso, abordaremos no tópico seguinte alguns procesos sociais que concorrem para a secundarização dos conhecimentos sociológicos no imaginário social e acadêmico brasileiro, bem como o resurgimento de uma preocupação, por parte de profissionais e especialistas da área, com as formas de divulgação das pesquisas e das perspectivas produzidas pela área. Em seguida, analisamos o papel decisivo que os diferentes projetos educacionais e políticos desempenharam na rotinização de certas concepções de sociologia ao longo do século XX. Narramos, assim, um proceso de conflitos e de tensões que se desenha em torno das instituições escolares e das disputas pelos nossos próprios projetos de sociedade. Trata-se, portanto, de uma disputa espaço de atuação, legitimidade e formação dos próprios públicos com os quais queremos dialogar.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Particamos uma ciência pública?

Atualmente já não causa espanto afirmar que os discursos científicos estão enraizados de modo inexorável na constituição do mundo em que vivemos. Mesmo atividades tão corriqueiras como as de observar as coisas à nossa volta e falar sobre elas, hoje são absolutamente influenciadas pelas diferentes gramáticas normativas apresentadas pelas ciências modernas. Mais do que maneiras de nomear as entidades e explicar os fenômenos que ocorrem na vida social ou natural, o que esses conhecimentos oferecem são as próprias perspectivas culturais pelas quais muitos de nós aprendem a imaginar, produzir e habitar este planeta. Tamanha centralidade do pensamento científico em nosso imaginário, no entanto, não ocorreu de uma hora para outra. Como explicou Ana Delicado (2004, p. 04), ações e espaços destinados ao que se convencionou chamar de uma “educação científica” datam de pelo menos um século e estão relacionadas com a ideia de criar formas de “comunicação entre o campo de produção da ciência e a esfera pública”, difundindo termos, procedimentos e postulados.

Diante desse contexto, parece relevante indagar: como as perspectivas sociológicas figuram em nosso imaginário acerca dos saberes científicos? Em que medida, os saberes desenvolvidos pela área são consideradas pertinentes para se divulgar? Estudiosa dos processos de popularização das ciências, Delicado destaca a percepção desfavorável dos meios científicos euroamericanos dos séculos XX e XXI em relação às investigações sociológicas e sua restrita participação nos espaços destinados à disseminação das ciencias – como museus, instituições de ensino ou periódicos de divulgação. Como argumenta a autora, se a falta de informações básicas sobre física, química, biologia ou matemática é vista com grande preocupação pelas instituições e agências promotoras de ações de difusão e de ensino, o mesmo não acontece em relação ao desconhecimento dos saberes sociológicos.

Tal “secundarização” da sociologia no interior da cultura científica dominante não é ignorada pelos profissionais da área. O estatuto epistemológico plural e anti-positivista das teorias sociais, historicamente dificultou o diálogo com outros campos de produção do saber, como aqueles



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

vinculados às ciências exatas, cognitivas ou naturais. Essa situação, a exemplo do que já observou Pierre Bourdieu (2004) ao analisar o contexto francês, reflete em alguma medida a posição geralmente ocupada pela disciplina e por seus principais representantes na hierarquia das relações acadêmicas, corroborando para fragilizar as percepções públicas acerca da “cientificidade” das pesquisas desenvolvidas. Desse modo, tais formas de “distinção” no universo das ciências modernas não apenas enfraquece o papel do conhecimento sociológico no conjunto das atividades acadêmicas, como também impacta profundamente o lugar que ela ocupa nos processos de divulgação e de educação científica.

Por outro lado, a falta de prestígio e de reconhecimento acadêmico da sociologia parece explicar apenas em parte o aparente desinteresse social por seus conhecimentos. Se assim o fosse, outras disciplinas com *corpus* teóricos e metodologias bem menos consolidadas do que a sociologia – tais como o direito, o jornalismo, a economia, a psicologia ou a administração – também encontrariam dificuldades em popularizar-se. Nesse sentido, Catherine Siebel e Katherine Clegg Smith (2009) propõe uma inversão interessante no problema. No lugar de perguntar pela cientificidade, as autoras indagam: o quanto somos públicos? Ou melhor, o quanto participamos da agenda pública das ciências? Por meio de um levantamento empírico sobre o estado atual da sociologia na imprensa norte-americana, Siebel e Smith (2009, p. 292) confirmam a restrita inserção desses estudos no diálogo com públicos mais amplos. Elas revelam que mesmo quando a sociologia se faz presente nestes veículos, ela se expressa, em sua maioria, por meio de “depoimentos sobre experiências de pesquisa”, na forma de relatos “apresentados em primeira pessoa” que pouco lembram os discursos originais.

As razões desse “desinteresse” midiático, conforme explicam as autoras, podem ser encontradas tanto nas configurações do ofício sociológico quanto no dos jornalistas. Treinados para redigir ou organizar textos curtos, objetivos e informativos, editados no interior de formatos já consagrados pela indústria transnacional do periodismo, jornalistas frequentemente desconfiam das capacidades comunicativas da sociologia. Quando comparados aos textos de economistas, predominantes no jornalismo norte-americano, Siebel e Smith observam que as narrativas



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sociológicas são consideradas ora como “opiniões”, ora como “prosas densas” e frequentemente “críticas” que careceriam de “tradução” para o público leigo. Além disso, a investigação das autoras informa que os sociólogos, em geral, se mostram reticentes a se submeterem à atenção pública e correr o “risco” de que os nuances, as ambiguidades e as incertezas que envolvem a elaboração de seus argumentos não encontre lugar na maioria dos meios atuais de comunicação.

No Brasil, os pesquisadores da área enfrentam desafios semelhantes ou, talvez, ainda mais profundos do que aqueles encontrados em contextos europeus ou norte-americanos. Assim mesmo, a sociologia tem se popularizado de maneira expressiva nas últimas décadas. Um fenômeno que se materializa na expansão e interiorização da rede de cursos de graduação e de pós-graduação em ciências sociais, na abertura de novos postos de trabalho para a área, na ampliação de sua penetração nos meios midiáticos e, sobretudo, no retorno do ensino de sociologia aos currículos escolares. Tudo isso contribuiu para certa circulação das ideias e das investigações produzidas com uma abrangência inimaginável em outros períodos de sua história. Um exemplo emblemático desse processo foi a repercussão do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2015, principal avaliação para o ingresso no ensino superior do país. Tematizando “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, a redação daquele ano colocou em evidência categorias, debates e perspectivas usualmente ativadas por pesquisas sociológicas sobre desigualdades de gênero e sexualidade, balançando a invisibilidade histórica dessas formas de violência na escola (Grossi, 2012).

Esse tipo de engajamento público da sociologia brasileira, contudo, ainda parece ser incipiente se comparado à disseminação das produções acadêmicas de outras áreas, como é o caso daquelas vinculadas às biociências (Luz, Sabino e Mattos, 2013). Para isso, os meios de comunicação desempenham um papel importante, explorando o consumo generalizado de “descobertas” genéticas, neurológicas, médicas, e negligenciando o desenvolvimento de pesquisas sociais. Por outro lado, a existência de uma ampla rede de trabalho destinada à divulgação e à educação “em ciências” também parece corroborar para a construção de certos saberes enquanto normatividades dominantes (Luz et al., 2013). Tal prestígio desigual se evidencia, por exemplo, no



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

próprio Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica, destinado à valorização da cultura científica no país. Para se ter uma ideia, ao longo de suas 35 edições foram premiados astrônomos, físicos, médicos, geneticistas, biólogos – e o único prêmio atribuído às ciências humanas ocorreu em 1986, com o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB).

Diante desse cenário desfavorável, seria realmente estranho que a sociologia se tornasse uma especialidade largamente reconhecida e prestigiada em outros lugares que não aqueles ocupados pelos próprios cientistas sociais. O problema, como já apontou o sociólogo brasileiro Ruy Braga (2009), é que tal situação está limitando o campo de atuação e o impacto das perspectivas sociológicas, subtraindo grande parte de seu potencial transformador da ordem social. Essa preocupação, aliás, não é nova nas ciências sociais do país. No discurso de abertura do II Congresso Brasileiro de Sociologia, em 1962, Florestan Fernandes (1986, p. 76) já destacava as dificuldades de comunicação dos sociólogos com o grande público, salientando a necessidade de se criar canais sociais capazes de traduzir o conhecimento especializado em “técnicas sociais racionais” que contribuíssem para a mudança social:

O drama está em que os meios conspícuos de comunicação, adotados pelos cientistas sociais, confinam a divulgação dos conhecimentos sociológicos ao público orgânico, constituído pelos especialistas, e a auditórios mais ou menos ralos, formados pelos setores intelectualmente refinados do público leigo.

Uma das formas pelas quais essa questão começou a ressurgir no campo acadêmico brasileiro, quase meio século depois das advertências de Fernandes, está relacionada com a tentativa de se construir uma dimensão “pública” para a prática sociológica (Almeida, 2007; Braga e Santana, 2009; Schwartzman, 2009; Mello, 2009; Perlatto, 2010; Perlatto e Maia, 2012). A expressão “sociologia pública” adquiriu destaque quando o sociólogo norte-americano Michael Burawoy a empregou em sua conferência presidencial, durante o Encontro da American Sociological Association (ASA) de 2004. Nessa conferência, Burawoy (2009, p. 19) lança um “apelo” pelo engajamento dos profissionais da área com a “retradução” das pesquisas sociológicas, “devolvendo



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

o conhecimento àqueles de onde tal conhecimento veio”. O apelo esteve relacionado com o que ele denominou como “a divisão do trabalho sociológico”, fragmentando a disciplina em quatro modos de existência que combinariam conhecimentos “instrumentais” ou “reflexivos” com suas “audiências acadêmicas” ou “extra-acadêmicas”.

Nesse quadro teórico, prática da sociologia pública (reflexiva e extra-acadêmica) exigiria dos pesquisadores o compromisso ético com os usos e as recepções de suas pesquisas. Dessa forma, ela se apresentaria de dois modos primordiais: como “sociologia pública tradicional” ou como “sociologia pública orgânica”. A tradicional diz respeito às produções de livros, debates, entrevistas ou artigos direcionados ao público “em geral”. Ou seja, se destina a uma audiência não acadêmica sem que essa, no entanto, interaja diretamente com o interlocutor do conhecimento produzido. Já a sociologia pública orgânica é aquela na qual “o sociólogo trabalha em íntima conexão com determinada público visível, denso, ativo, localizado e frequentemente contraposto”.

Assim, considerando a divisão proposta pelo autor, a divulgação científica emerge como a “face pública” da sociologia profissional; isto é, ela apresenta os resultados da pesquisa acadêmica de forma acessível e responsável para o público leigo por meio de publicações voltadas a esse fim. Tal forma “tradicional” da sociologia pública, encontrou sua inspiração no contexto norte-americano em periódicos especializados na divulgação científica, tais como a revista *Contexts*. Ela representa um caso exemplar das formas de disseminação almejadas por Burawoy ao criar, com relativo sucesso, meios de comunicação “eficientes” entre o ofício acadêmico e os interesses de seus públicos extra-acadêmicos. Publicada trimestralmente pela ASA, a revista traz textos, artigos e discussões que procuram responder em linguagem acessível a pergunta “por que isso acontece?”, tematizando variadas questões da vida social.

Essas ideias adquiriram destaque na sociologia brasileira especialmente após a publicação da coletânea “Por uma sociologia pública”, organizada por Braga (2009), na qual foram traduzidos e editados diversos textos de Burawoy sobre o assunto. Em que pese as inúmeras controvérsias que se criaram a partir do seu ambicioso projeto (Beck, 2010; Turner, 2009), o impacto que a proposição vêm gerando nos mais diversos contextos acadêmicos de produção do conhecimento sociológico



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

não deve ser ignorado. Afinal, o adjetivo “público”, utilizado pelo autor, parece ter reintroduzido discussões que perpassam o pensamento social clássico e contemporâneo e que ativam os significados políticos e formativos da sociologia na fabricação de novos modos de perceber e atuar no mundo em que vivemos.

Perigo, não abra! A sociología nos currículos da educação básica brasileira

O modo como determinadas ideias, categorias ou perspectivas sociológicas circulam socialmente, habitando lugares extra-acadêmicos de produção do conhecimento, representa atualmente um eixo significativo dos estudos sobre o pensamento social brasileiro. Neste cenário investigativo, não adquirem destaque apenas as maneiras pelas quais atitudes intelectuais identificadas com o pensamento sociológico se enraízam no cotidiano ou se materializam em produções culturais. Entra em discussão também o próprio papel das diferentes instituições de ensino na produção das variadas cotidianidades que concorrem para sustentar e expressar certo *corpus* nacional da sociologia. Tais instituições, para utilizar uma expressão de Raymond Williams (1979), seriam co-responsáveis por “amarrar” as ideias, inclusive as científicas, a comunidades de práticas que, por meio de suas disputas e de seus interesses particulares, ajudam a lhes conferir forma e substância.

Depois de um longo período de constrangedor silêncio acadêmico, formou-se no país um repertório relativamente denso de pesquisas que estão recuperando o papel da educação básica no processo de constituição das ciências sociais (Handfas, 2011). Em linhas gerais, tais pesquisas sinalizam a relevância de se considerar a sociologia escolar como uma instância legítima e potencialmente efetiva de criação, de difusão e de rotinização das ideias sociológicas entre setores da sociedade que não estão necessariamente em contato com o que é produzido nas universidades. Trata-se, de fato, de um processo de recontextualização da forma acadêmica deste saber especializado que têm lhe conferindo outros modos de existência, com eficácias diferenciadas ao longo do tempo.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Desse modo, a dimensão curricular do ensino de sociologia, seus usos, sentidos e aplicações, converteu-se em um objeto de interesse e de reflexão contemporânea. Em uma série histórica, as pesquisas sobre a emergência do ensino escolar da sociologia costumam sugerir o papel estratégico que a reforma no programa de ensino do Colégio Pedro II, em 1925, desempenhou no processo de tradução, de incorporação e de difusão do discurso sociológico – tal reforma seria ampliada para praticamente todos os currículos oficiais dos colégios secundários em 1931 (Brito, 2012). Um movimento, ao mesmo tempo político e pedagógico, que antecipou, inclusive, a sua institucionalização nas universidades do país e marcou decisivamente alguns dos principais sentidos e significados que a disciplina pôde adquirir no período.

Naquele contexto, que se estendeu entre os anos de 1925 e 1942, o estabelecimento do conhecimento sociológico foi favorecido não apenas pelos ideais de racionalização, de nacionalização e de centralização administrativa, que figuraram como uma possibilidade de reformar a educação escolar; mas principalmente por representar os anseios de determinados setores das elites brasileiras em “decifrar” as contradições de uma realidade social desigual e oferecer interpretações capazes de conferir inteligibilidade ao processo de modernização do país (Meucci, 2002). Investida da “missão” de proporcionar explicações normativas a respeito da sociedade brasileira e de formar os futuros profissionais que teriam a tarefa de transformar a nação, a sociologia encontrou nessas instituições escolares da primeira metade do século XX um ambiente propício para a difusão de perspectivas que acabariam se tornando uma herança “clássica” da disciplina no Brasil.

Com o esgotamento do pacto oligárquico e dos discursos nacionalistas que haviam sustentado o Estado Novo, no entanto, a sociologia escolar não encontrou forças para se manter nos currículos do ensino secundário (Moraes, 2011). Uma agenda renovada para a área, então, passou a se organizar a partir de meados da década de 1940 em torno de sua consolidação nas universidades brasileiras (Fernandes, 1955). Formulada como uma maneira acadêmica de racionalizar o pensamento sobre o social e impulsionada pela criação de novos cursos de graduação e de pós-graduação em ciências sociais, a área rapidamente conquistou o *status* de especialidade científica



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

engajada como a democratização e a modernização do país – desligando-se, assim, das antigas representações escolares que a articulavam ao imaginário normativo e autoritário dos governos precedentes (Meucci, 2015).

Tal situação institucional, que nas décadas seguintes cindiu o campo discursivo da sociologia em antagonismos frequentes entre ensino e pesquisa, apenas foi rediscutida de forma mais abrangente pelos profissionais da área na passagem dos anos de 1980 e 1990 (Moraes, 2003). Um momento em que o processo de redemocratização do Estado brasileiro, atravessado pela gramática da cidadania e da inclusão, apresentou um ambiente novamente favorável ao retorno da disciplina aos bancos escolares. Neste percurso recente, a sociologia voltou a integrar os currículos da educação básica. Primeiro, em 1997, na forma de conhecimentos transversais aos conteúdos regulares da educação básica; posteriormente, em 2008, enquanto um componente curricular obrigatório em todos os anos do ensino médio brasileiro.

Apesar das inúmeras disputas políticas e pedagógicas implicadas nas negociações que reintroduziram a sociologia escolar, muitas das quais devidamente documentadas pela literatura especializada da área, é significativo notar que o seu retorno coincidiu com transformações mais gerais que impactaram toda a organização da educação pública nas últimas décadas. Isso porque, sob os ideais de democratização e de universalização da escolarização, uma nova concepção acerca da formação humana se estabeleceu com força nos discursos educacionais contemporâneos. Assim, atitudes relacionadas com o desenvolvimento da autonomia intelectual, do pensamento crítico e da pluralidade de perspectivas adquiriram destaque enquanto capacidades desejadas para as futuras gerações (Moraes, 2014).

Tais mudanças políticas, que depositaram na escolarização pública muitas das esperanças pela “superação” da herança cultural deixada por mais de 20 anos de ditadura militar, consolidaram as aspirações por um Estado “mais abrangente”, capaz de incluir novos sujeitos e novas experiências sociais na cena pública brasileira. Desse modo, os conhecimentos sociológicos, agora encarados como representantes dos desenvolvimentos das ciências sociais no país, assumiram um lugar de destaque. Não mais por se comunicar com as elites dirigentes do país, como ocorrera nas



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

primeiras décadas do século XX, mas por simbolizar, em grande medida, algumas das perspectivas sociopolíticas de coletivos que se organizaram através de lutas diversas por justiça social e pela redemocratização do país. Tais coletivos atualmente concorrem para deslocar os eixos historicamente dominantes de interpretação do mundo social, tensionando as organizações escolares para torná-las mais abertas e sensíveis às outros saberes e demandas educacionais (Gonh, 2016).

Em meio a esse movimento de ressignificação dos sistemas de ensino e de disputas pelo estabelecimento de um currículo escolar democrático, a sociologia se estruturou enquanto um campo disciplinar relativamente autônomo no ensino médio, ampliando sensivelmente as possibilidades de circulação dos conhecimentos acadêmicos das ciências sociais no país. Abriu-se, assim, um cenário promissor de atuação profissional junto à educação pública que se fortaleceu ao longo da última década. Ele vem se articulando em torno de transformações recentes no perfil das licenciaturas (Oliveira, 2013), nos programas de fomento à docência (Santos, 2013), na produção de novos livros (Meucci, 2011) e materiais didáticos (Bueno e Carniel, 2015), na elaboração de novas formas de ensinar e de aprender sociologia (Carniel e Ruggi, 2015), bem como na consolidação de redes nacionais para o estudo do ensino de ciências sociais (Silva, 2014).

Tais “conquistas”, no entanto, convivem atualmente com inúmeras críticas de diferentes setores da sociedade que colocam em dúvida a pertinência pedagógica dos conhecimentos produzidos pelas ciências sociais. As frequentes acusações de “partidarizar” a compreensão da sociedade brasileira e de “incentivar” o debate de gênero e sexualidade em sala de aula são, provavelmente, os casos mais emblemáticos dessas reações contrárias – eles se notabilizaram, sobretudo, a partir da criação do movimento “escola sem partidos”. Independentemente das “razões” implicadas nessas perspectivas, parece significativo observar que elas expressam a existência de projetos de escolarização concorrentes que passaram a se co-constituir como polaridades opostas em um embate político e educacional. De um lado, ficou a aposta na centralidade das disciplinas em um modelo escolar voltado à formação cidadã e ao estabelecimento de uma cultura científica; de outro, o projeto de regionalização das disciplinas em um currículo profissionalizante para ensino médio brasileiro.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Diante desse cenário conflituoso – que se agravou recentemente com a publicação da Medida Provisória nº 746, de 22 de outubro de 2016, alterando drasticamente a organização do ensino médio e retirando a obrigatoriedade de disciplinas como as de sociologia e filosofia –, a questão das dimensões públicas do conhecimento produzido pela área parece retornar com alguma força. Afinal, o quanto efetivamente nos públicos? Onde, como e para quem divulgamos nossas pesquisas? Realmente estamos dispostos a dialogar com audiências não especializadas? Ou nossos saberes estariam destinados a virar “peças de museu” na história da educação brasileira? Enfrentar tais desafios talvez signifique mais do que problematizar o imaginário cultural existente no Brasil sobre as ciências sociais; talvez exija rediscutir o modo como nós mesmos estamos imaginamos e nos relacionamos com públicos extra-acadêmicos.

Considerações finais: disseminar e politizar a sociología através da educação

Entre as diversas contribuições que o ensino de sociologia propiciou às ciências sociais praticadas no Brasil, uma das mais evidentes certamente está relacionada com a construção de formas de interlocução com públicos não acadêmicos – particularmente, com os públicos juvenis que frequentam o ensino médio no país. Desse modo, para além de uma atividade didático-pedagógica, procuramos argumentar neste texto que a reflexão em torno dos sentidos e significados desta disciplina escolar também constitui um exercício de sociologia pública. Afinal, a prática de ensino em salas de aula consiste, em grande parte, em sistematizar estratégias de aprendizagem e desenvolver metodologias para se comunicar com pessoas que não irão necessariamente se tornar especialistas em ciências sociais. Nesse sentido, discutir o ensino de sociología sob a perspectiva de sua interlocução com públicos diversos nos parece ser um problema de investigação epistemológica e uma oportunidade de se compreender “a sociologia em ação” (Carniel; Ruggi, 2015).

Por isso mesmo, enfrentar os desafios da interlocução entre a ciência, o ensino e seus públicos representa uma maneira de contribuir para a construção de uma cultura científica compartilhada, ou ainda, de uma “cidadania sociologizada” (Santos, 2017; Moraes, 2009). Esse exercício sugere um fato aparentemente óbvio, mas nem sempre considerado em nossos meios



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

acadêmicos: o envolvimento das pessoas com o pensamento sociológico, representa uma oportunidade de romper com o isolamento e a burocratização dos discursos especializados. O debate sobre as dimensões públicas do ensino, portanto, não se limita a difundir os conhecimentos sociológicos numa linguagem clara e acessível aos estudantes. Refere-se, sobretudo, ao movimento de abertura para outras maneiras de se produzir conhecimentos na ciencias sociais – com engajamentos e reponsabilidades diferentes daquelas tradicionalmente esperadas nos meios universitarios; com formas narrativas efetivamente interessadas em se comunicar públicos não especializados; e com metodologias de pesquisa que sejam pensadas também como estratégias de ensino.

Bibliografia

ALMEIDA, João Ferreira de. Velhos e novos aspectos da epistemologia das Ciências Sociais. *Sociologia, problemas e práticas*, n. 55, p. 11-24, set., 2007.

BECK, Ulrich. Como não se tornar uma peça de museu. *Mediações*. Londrina, v. 15, nº 2, p. 16-27, Jul/Dez. 2010.

BRAGA, Ruy. Atravessando o abismo: uma sociologia pública para o Ensino Médio. In: BRAGA, Ruy; BURAWOY, Michel. *Por uma sociologia pública*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 161-171.

BRITO, Silvia Helena Andrade O ensino de sociologia e a organização do trabalho didático no Colégio Pedro II (1925-1945). *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, v. 12, nº 3 (30), p. 95-124, set./dez. 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma análise clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.

BUENO, Zuleika de Paula; CARNIEL, Fagner. Recursos livres, livros fechados: uma análise da dimensão interativa dos Objetos Educacionais Digitais no ensino de Sociologia. *Política & Sociedade*. Florianópolis, v. 14, nº 31, p. 132-154, set./dez., 2015.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

BURAWOY, Michel. Por uma sociologia pública. In: BRAGA, Ruy; BURAWOY, Michel. *Por uma sociologia pública*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 15-66.

CÂNDIDO, Antônio. A sociologia no Brasil. *Tempo Social*. São Paulo, vol.18, nº.1, p. 271-301, 2006.

CARNIEL, Fagner; RUGGI, Lennita Oliveira. De sociólogo e de louco todo mundo tem um pouco: ou porque a sociologia é a disciplina mais legal da escola. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, nº 31, p. 235-247, jan./abr., 2015.

DELICADO, Ana. Para que servem os museus científicos? Funções e finalidades dos espaços de musealização da ciência. *Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra, p. 1-17, 2004.

FERNANDES, Florestan. Comunicação e debates. *Anais do I Congresso Brasileiro de Sociologia*. São Paulo, pp. 319-321, 1955.

_____. A sociologia como afirmação. IANNI, Octávio (org.), *Sociologia*, São Paulo: Ática, 1986.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Martins Fontes, 2010.

GONH, Maria da Glória. Movimentos pela educação no Brasil. *Crítica Educativa*, Sorocaba, v. 2, nº 1, p. 9-20, jan./jun., 2016.

GROSSI, Patrícia Krieger (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

HANDEFAS, Anita. O estado da arte do ensino de Sociologia na Educação Básica: um levantamento preliminar da produção acadêmica. *Inter-legere*, Natal, nº 9, p. 386-400, 2011.

LUZ, Madel et al. Contribution towards studying the contemporary social imaginary: rhetoric and images of biosciences in popular scientific periodicals. *Interface (Botucatu)*, v.17, n.47, p. 901-12, out./dez., 2013.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

LUZ, Madel; SABINO, Cesar; MATTOS, Rafael. A ciência como cultura do mundo contemporâneo: a utopia dos saberes das (bio) ciências e a construção midiática do imaginário social. *Sociologias*, v. 15, n. 32, p. 236-254, jan./abr., 2013.

MEUCCI, Simone. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, v. 51, n° 3, p. 251-260, set./dez., 2015.

_____. Notas sobre o pensamento social brasileiro nos livros didáticos de sociologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 2, n° 3, p. 209-232, jan./jun., 2014.

_____. *Institucionalização da Sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos*. São Paulo, Hucitec, 2011.

MELLO, Leonardo. Prática de pesquisa e “Sociologia pública”: uma discussão em torno de diálogos possíveis, outros nem tanto. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n° 22, p. 76-99, jul./dez., 2009.

MORAES, Amaury Cesar de. Ciência e Ideologia na Prática dos Professores de Sociologia no Ensino Médio: da neutralidade impossível ao engajamento indesejável, ou seria o inverso? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n° 1, p. 17-38, jan./mar., 2014.

_____. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. *Caderno Cedes*, v. 31, n° 85, p. 359-382, 2011.

_____. Licenciatura em Ciências Sociais e Ensino de Sociologia: entre o relato e o balanço. *Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n° 1, p. 5-20, jan./mai., 2003.

MORAES, Luiz Fernando. *Da Sociologia cidadã à cidadania sociológica: as tensões e disputas na construção dos significados de cidadania e do ensino de Sociologia*. Dissertação (mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

OLIVEIRA, Amurabi. A formação de professores de sociologia na região Norte: configurações e tendências. *Novos Cadernos NAEA*. Belém, v. 19, n° 1, p. 253-274, jan./abr., 2016.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

PERLATTO, Fernando. Sociología pública e o Brasil: apontamentos para um debate. *Revista de Ciências Humanas*, v. 10, n. 2, p. 256-68, jul./dez., 2010.

PERLATTO, Fernando; MAIA, João Marcelo. Qual sociologia pública? Uma visão a partir da periferia. *Lua Nova*, São Paulo, nº 87, p.83-112, 2012.

SANTOS, Mário Bispo. *O PIBID na área de ciências sociais: da formação do sociólogo à formação do professor de sociologia*. Tese (doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2017.

SIEBEL, Catherine, SMITH, Katherine Clegg. How public are we? Coverage of sociology by the Associated Press. *American Sociologist*, n.40, p.289-308, set., 2009.

SILVA, Ileizi Fiorelli. A sociologia de volta à escola: um balanço provisório. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 45, nº 1, p. 277-284, jan./jun. 2014.

SCHWARTZMAN, Simon. A sociologia como profissão pública no Brasil. *Cadernos CRH*, v. 22, n. 56, p. 271-279, mai./ago., 2009.

TURNER, Jonathan H. Contra a sociologia pública: será ela a melhor forma de tornar a Sociologia relevante? *Caderno CRH*. Salvador, vo. 22, nº 56, p. 255-269, maio/agosto de 2009.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.